

Dali não saem, dali ninguém os tira

Cristina Ávila

Da equipe do Correio

Foram dias de trabalho, uma dívida de aproximadamente R\$ 1 mil para comprar material e muito cansaço, enfrentando a incerteza e ameaças constantes. As pessoas que invadiram lotes em Samambaia não estão dispostas a desistir de tudo, mesmo sabendo da decisão do governador Joaquim Roriz de notificá-las para remoção em 72 horas. A maioria do povo fincou pé na terra e não quer sair. Não, sem, pelo menos, outra opção de moradia.

“Ninguém fala! Ninguém fala!”. Um homem sai de seu barraco e passa pelo povo, gritando. Passos largos, dedo em riste. Nervoso. O povo da quadra 602 de Samambaia está arredo. A maioria, calada. Não arrisca palpites. Alguns falam, mas geralmente preferem ficar anônimos. Temem represálias de seu próprio grupo. “Se eu falar qualquer coisa, depois a turma briga”, justifica uma mulher.

Alcimar Alves de Faria, 38 anos, pintor de placas e letreiros, parece ser um dos líderes da quadra. Não tem medo de abrir a boca. “Essa é uma ocupação legítima. Queremos ser fixados. Gostaríamos de saber se o go-

verno Roriz vai repetir o erro e a crueldade que o governo anterior fez na Estrutural e no Recanto das Emas”, diz, referindo-se às demolições de barracos ordenadas por Cristovam Buarque.

Mas Alcimar aceita negociar a terra que invadiu. “Estamos abertos ao diálogo. O governador pode marcar aqui ou lá no palácio. A gente conversa com ele.” E sugere que o governador Joaquim Roriz estipule um prazo de 90 dias para fazer uma avaliação do problema dos invasores das quadras 601 e 602 de Samambaia.

Alcimar afirma que o povo ainda não sabe o que vai fazer quando receber a notificação de remoção. E diz que as duas quadras não são invasão, que as pessoas não chegaram agora ao local. E os barracos de alvenaria estão todos em plena construção. “Coincidência. Ninguém mora aqui há menos de um ano. As obras estão sendo feitas com o dinheiro do 13º sa-

lário. A madeirite dos barracos velhos, nós queimamos” - afirma, sem se importar que não existam os mínimos rastros de fogo ou madeira queimada.

Maria das Neves, 27 anos, lava roupas em um balde ao lado dos barracos recém-construídos. Pára alguns minutos para conversa rápida. “Eu moro em Sobradinho, de aluguel. Surgiu esta oportunidade e eu vim pra cá, tentar arranjar um lote. Não saio daqui. Não é que eu vá desobedecer o governador, mas não tenho pra onde ir.” Por enquanto, ela está morando em um barraco empres-

tado. “Roriz tem que ter misericórdia da gente”, suplica.

“Imagina se vamos sair daqui. Esta é uma área nobre. Tem até areia saibrosa. Aqui é de graça, não precisamos comprar a R\$ 18,00 o metro para construir”, fala um homem, apontando para o chão amarelado e barrento da quadra 404. Ele ri: “Só falta a gente achar diamante!”.

Na 404, a construção também não pára. Todo mundo trabalhando, levantando paredes, demarcando território. Ninguém quer se identificar, apesar de aceitarem até posar para fotografia. “Aqui não é invasão. Somos ocupantes de lotes legalizados, que foram liberados pelo governo, mas os donos não tomaram posse”, explica um dos ocupantes.

Marinalva Maria diz que está na quadra há quase quatro anos. “Já derrubaram o meu barraco 14 vezes. E eu continuo aqui. Isso é de sofrimento, não é de dançar”, brinca ela, apontando para as varizes visíveis nas pernas.

“Já temos água e luz. Compramos o material de construção, fiado. Vamos ver no que dá” - comenta um homem. Os moradores afirmam que a mais recente derrubada de barracos na quadra foi no dia 15 de dezembro. Segundo eles, já apareceram várias pessoas com documentos, dizendo-se donas de um mesmo lote. “Já enfrentei até ameaça de morte”, ressalta Marinalva.

■ Leia mais sobre invasões na página 4

“ESTAMOS ABERTOS AO
DIÁLOGO. O
GOVERNADOR PODE
MARCAR AQUI OU LÁ NO
PALÁCIO. A GENTE
CONVERSA COM ELES”

Alcimar Alves de Faria,
morador de invasão em Samambaia